

A idéia fantástica do Professor Altair Monteiro

por Alê Camargo

O genial professor Altair Monteiro havia acabado de inventar a Máquina do Tempo. Isso aconteceu depois de vários anos de pesquisa árdua, e de duas semanas finais sem sair muito do laboratório ou tomar muitos banhos, alimentando-se de pizza e salgadinhos sabor nachos.

Com o coração aos pulos devido ao excesso de sódio, leu e releu suas últimas notas. Refez cálculos pela enésima vez. Quando teve certeza absoluta, deu um berro animalesco de triunfo, levantando os punhos. Seu fiel assistente Jairo (que dormia numas almofadas debaixo da mesa) acordou num salto, e bateu com força a cabeça na parte de baixo do tampo de madeira.

- Jairo! - berrou o professor - Entre no Google!

Jairo se arrastou para a frente do computador, e ainda com a cabeça latejando entrou no Google. Se tinha algo que ele aprendera durante seus anos como assistente de um gênio, é que se o gênio fala para você pular, você pula.

- Pronto, Professor!

- Pegue os números da Megasena acumulada, que saíram na semana passada!

- Estão na mão! - gritou Jairo, depois de uns instantes.

- Separe! Imprima!

- Lá vai!

A impressora cuspiu a folha de papel. O rapaz pegou o papel, e se virou para entregá-lo para o Professor. Só então percebeu que o outro estava correndo desesperadamente pelo laboratório, juntando coisas numa sacolinha de pano: alguns pedaços da última pizza, alguns sacos abertos de salgadinhos, um par de óculos de sol, uma blusa desbeijada esquecida no encosto de uma cadeira quebrada.

-Professor?

- A Máquina, Jairo! - o professor sacudiu o rapaz pelos ombros com violência - A Máquina está pronta!

A cabeça de Jairo girava. E também sangrava um pouco. Olhou para a Máquina do outro lado do laboratório, que parecia bastante com uma mistura entre uma cabine telefônica e um liquidificador gigante. Os dois já estavam trabalhando há tanto tempo nela que ele quase não percebia mais o quanto ela era ridícula. Quase.

- Finalmente! Depois de tanto tempo! - disse o rapaz, maravilhado.- A Ciência! O Progresso! A Glória!

- A Grana! - disse o professor.

- A ... grana?

- Claro! Vamos entrar na máquina, viajar para a semana passada, e apostar nos números certos da Megasena que não teve ganhadores. Depois, voltamos para o presente, descontamos o bilhete, e... BUM! Grana! Muita grana! - disse o professor, agitando os braços ameaçadoramente.- É claro que podíamos fazer o mesmo com alguma Megasena anterior que saiu para alguém, mas para que dividir, não é mesmo?

- Ah?

- E depois, faremos o mesmo com todos os outros prêmios em que pusermos nossos dedinhos: a Loto, a Sena normal, a Loteria Esportiva... o Jogo do Bicho! Bingos de quermesse, qualquer coisa! O céu é o limite!

O Professor arrastou o outro até a porta entreaberta da Máquina, colocando a sacolinha de pano no ombro. Jairo estacou, pálido.

- O que houve, Jairo?

O rapaz parecia perdido. Disse com a voz trêmula:

- Não é certo.

- Não é certo?

- Não. - Jairo respirou fundo. - Nós nunca ganhamos nenhum desses prêmios. Isso nunca aconteceu nesse Universo. Eu nem jogo! Se entrarmos na Máquina e fizermos o que está sugerindo, obviamente pularemos de realidade. Passaremos a existir numa versão de nosso Universo inteiramente nova, na qual nós estaremos viajando para a frente e para trás no tempo livres da ordem normal das coisas, da sucessão de causa-e-efeito. Não

podemos avaliar as mudanças que podemos provocar com isso. Jamais voltaremos para essa linha do tempo. Seremos párias: dois meros mortais no controle do maior poder que já existiu. Isso , sem nem entrar na questão ética e moral de usar um invento desses para o nosso próprio bem, e não para o bem maior de toda a Humanidade! Não é certo!

O Professor pensou naquilo com cuidado, com a testa ligeiramente franzida.

- Dez por cento.- disse o Professor.

- O quê?

- É o quanto te ofereço de toda a grana que iremos ganhar: dez por cento. - disse o Professor. - Só essa Megasena dará 78 milhões de reais. Assim, tua parte será, só nessa primeira viagem, 7 milhões e oitocentos mil reais livres, sem impostos. Estou te oferecendo dez por cento porque , é óbvio, eu sou um gênio, e você é apenas meu assistente. Mas esteja certo que estou levando em conta todos os anos que trabalhamos nisso juntos, e todo o seu esforço, e sua lealdade. Além do fato que a Máquina precisa de duas pessoas para pilotá-la, é claro.

O rapaz olhava intensamente para o Professor. O silêncio na sala era ensurdecedor.

- Jairo, não sei quanto a você. - disse o Professor. - Mas eu *prefiro* morar num universo alternativo assustador e desconhecido onde eu sou absurdamente, estupidamente , e - por que não dizer? - fantabulosamente rico.

- Professor? - disse Jairo, por fim, enquanto abria a porta da Máquina para o outro entrar.

- Pois não?

- O senhor é um gênio.

- Ah, sim.